

Classe média mais pobre com efeitos da pandemia

Velhos hábitos de consumo devem ficar no passado, principalmente, na área de serviços, destacam economistas. As projeções do PIB no próximo ano mostram que o agravamento da crise e a desigualdade social vão persistir

Principal alavanca do PIB do lado da demanda, parte da população está abatida e não deve voltar aos velhos hábitos de consumo, preocupada com o fantasma do desemprego. O poder de compra das famílias diminuirá no pós-pandemia

Encolhimento da classe média

» ROSANA HESSEL

A pandemia de covid-19 está deixando um rastro de destruição na economia global sem precedentes e, no Brasil, não é diferente, avisam especialistas. Uma certeza entre eles é que a recuperação da economia não será rápida e o empobrecimento da população, de forma geral, será inevitável. Com isso, os hábitos de consumo vão mudar, principalmente da classe média, maior alavanca do Produto Interno Bruto (PIB). Ela mal se recuperou do baque da recessão de 2015 a 2016 e corre o risco de encolher ao longo dessa nova recessão, devido à forte expectativa de aumento do desemprego daqui para frente. Analistas fazem o alerta para que o governo, que está perdido no meio da polêmica sobre o teto de gastos, fique atento a esse problema. Ele pode ser uma das travas do crescimento da economia no pós-pandemia.

O auxílio emergencial de R\$ 600, que tem beneficiado mais de 60 milhões de vulneráveis, e a liberação dos saques do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) ajudaram a atenuar o impacto da crise na economia e algumas previsões estão sendo revistas. Estimativas da economista Sílvia Matos, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), mostram que, se não fossem essas medidas, a projeção de queda do PIB seria de 7,5% em vez dos atuais 5,5%.

A diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI),

Kristalina Georgieva, tem alertado que o processo de retomada da economia será parcial e desigual e que todos os países sairão da crise mais pobres. O Fundo prevê queda de 4,9% no PIB global, a maior desde a Grande Depressão, e retração de 9,1% no PIB brasileiro deste ano, uma das previsões mais pessimistas. Mas, até mesmo as otimistas, como a do governo, de recuo de 4,7%, são as piores da história, segundo analistas.

Na avaliação do economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, com a inevitável perda da capacidade de renda nessa crise, a classe média, não deve voltar aos velhos hábitos no pós-pandemia e isso precisa ser contabilizado nas projeções do governo e do mercado. Ele reconhece que o auxílio emergencial de R\$ 600 ajuda aos mais pobres, contudo, não será capaz de impulsionar a recuperação do consumo de forma robusta. "Esse é um ponto da história. O segundo é que a pandemia produz uma mudança nos padrões de consumo, principalmente, da classe média, e que os economistas não estão prevendo nas projeções. Os serviços não vão ter o mesmo poder de impulsionar a retomada, porque a demanda dos consumidores da classe média não será a mesma", explica.

Pastore reforça que a desigualdade elevada do Brasil também será um dos maiores entraves para a retomada de um crescimento acima de 3% em 2021 previsto pelo governo. Segundo ele, ainda não é possível estimar o verdadeiro impacto da crise da covid-19 na

economia, porque não existe experiência histórica dessa crise. "As incertezas são enormes sobre a retomada e as pessoas fazem projeção como se não existisse a pandemia", critica.

A classe média, que é a maior fatia da população, em torno de 54%, está mudando os hábitos de consumo, principalmente, do setor de serviços — que representa 73,9% do valor adicionado de riqueza gerada na economia do país. "A classe média é bastante heterogênea na questão de consumo e atravessa transformações. E não é apenas uma questão de redução da renda, mas, também, sobre o sentido real do consumo na vida das pessoas. Ela está fazendo uma reflexão nesse período em que está ficando em casa", analisa Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva. Pesquisa da entidade constata que a maioria acredita que terá redução de renda na pandemia e pretende mudar os hábitos de consumo ou já está mudando e, conseqüentemente, gastando menos com viagens e restaurantes e fazendo um novo arranjo no orçamento familiar.

Especialistas avisam que a queda no consumo de serviços será inevitável, mesmo com pesquisas recentes indicando o começo de retomada. "Até a descoberta da vacina, as pessoas vão viajar menos e reduzir a frequência em restaurantes, teatros, cinemas. E, quem trabalha nesses estabelecimentos, normalmente pessoas das classes D e E, também devem sofrer impacto no emprego", diz

Meirelles. Ele destaca que a economia vai demorar para voltar a crescer e lembra que novas relações de consumo estão em construção. "Atualmente, 18 milhões de brasileiros já recebem renda por meio de algum serviço de aplicativo e não são apenas entregadores", afirma.

Renda menor

Pelas estimativas de Pastore, o país sairá dessa crise com uma renda per capita menor do que antes da recessão de 2015 e 2016, porque o país ainda não tinha saído da primeira crise. "Supondo que o PIB caia 4,5%, com as projeções mais otimistas, e, como a população cresce 0,8%, o PIB per capita vai cair 5,3%. Logo, estaremos 10%, 11% abaixo do PIB per capita de 2014", compara. "O Brasil tem um quadro feio para frente, não tenho dúvida", alerta. Ele acrescenta que PIB não tem capacidade de crescer mais do que algo entre 1,5% e 2% no pós-pandemia, porque não seguiu o exemplo dos países que fizeram bloqueios mais duros, como Austrália, Coreia do Sul e Japão.

Fabio Bentes, economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC), também não tem dúvidas de que o empobrecimento do Brasil será inevitável nessa crise. Ele estima que o PIB per capita deverá cair, pelo menos, 6,6% neste ano, no mesmo patamar da década perdida de 1980. "Vai ser o pior resultado da série histórica desde 1981", compara. Ele reconhece que esse cenário ainda é otimista porque não considera uma segunda onda de contágio da covid-19.

Empobrecimento do país

Diante de uma recessão sem precedentes provocada pela covid-19, a certeza é de que os brasileiros sairão mais pobres dessa crise, que irá demorar para ser debelada. No meio desse furacão, classe média deve sofrer mais

EVOLUÇÃO DO PIB E PIB PER CAPITA (em % ao ano)

Dados da CNC mostram que queda do PIB per capita será a maior desde a década perdida de 1980



*previsão CNC

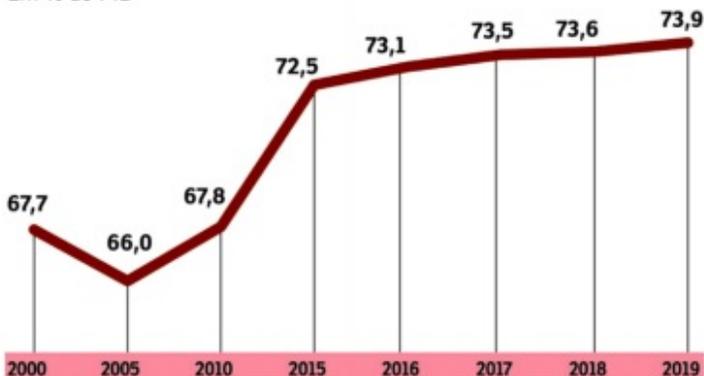
TERMÔMETRO

Setor de serviços que tem como alavanca o consumo da classe média mostra que ainda não dá sinais de retomada

Indicador	Mai20/Abr20	Mai20/Mai19	Acumulado em até Mai20	Acumulado nos últimos 12 meses
Total do volume de serviços	-0,9	-19,5	-7,6	-2,7
Serviços prestados às famílias	14,9	-61,5	-31,0	-12,0
Alojamento e alimentação	4,1	-63,9	-32,1	-12,2
Outros serviços prestados às famílias	1,3	-49,1	-24,8	-10,7
Serviços de informação e comunicação	-2,5	-9,0	-2,5	0,8

PARTICIPAÇÃO DOS SERVIÇOS NA COMPOSIÇÃO DO VALOR ADICIONADO DO PIB

Em % do PIB



NOMENCLATURA DAS CLASSES

Classes econômicas*	Limite inferior	Limite superior
Classe E	0	R\$ 1.254
Classe D	R\$ 1.255	R\$ 2.004
Classe C	R\$ 2.005	R\$ 8.640
Classe B	R\$ 8.641	R\$ 11.261
Classe A	R\$11.262	-

*As classes econômicas são definidas a partir dos rendimentos familiares per capita e estão expressos em preços (R\$) de janeiro de 2014, dados da FGV

EFETOS DA PANDEMIA NA RENDA

Pesquisa do Instituto Locomotiva mostra como o brasileiro está preocupado com a perda do poder aquisitivo

Como a covid-19 impacta na renda pessoal

67%

tiveram renda diminuída por conta da pandemia

98%

estão preocupados com a chance de não ter dinheiro para pagar as contas

54%

afirmam que o padrão de vida piorou por conta da pandemia

64%

acreditam que irá demorar mais de um ano para retomar o padrão de vida de antes da pandemia (entre quem acredita que o padrão de vida piorou)

Entre quem exerce atividade remunerada

67%

renda pessoal diminuiu



30%

renda permanece igual

3%

renda aumentou

Queda de serviços graças à pandemia

% dos brasileiros que não conseguirão manter serviço nos próximos meses

16%



Plano de Saúde

21%



Empregada doméstica/babá

17%



Mensalidade escolar



Além de gastar menos, especialistas acreditam que integrantes da classe média, devido ao empobrecimento, vão buscar mais serviços básicos do governo, como educação e saúde. Esse cenário não deve ajudar na recuperação, em "V", como previa o governo inicialmente

Novo normal do consumo

» ROSANA HESSEL

A classe média passará a demandar mais serviços públicos daqui para frente, principalmente, saúde e educação, devido à perda de emprego e da renda durante a crise. É o que afirma o economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Fabio Bentes. "O governo vem adotando as medidas para minimizar as perdas na pandemia e, como a classe média atravessa um período de fragilidade, nos próximos anos, o governo vai ter que aumentar o nível dos gastos em serviços de utilidade pública, principalmente, educação e saúde, porque muitas pessoas da classe média vão demandar esses serviços", alerta.

Confirmando os dados da pesquisa do Instituto Locomotiva, Fabio Bentes reforça que a demanda pelos serviços já aumentou. "A classe média, além de consumir menos, ainda vai demandar orçamento público em busca de recursos para serviços básicos. Haverá uma exigência

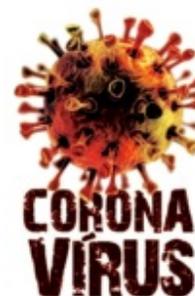
maior da qualidade dos serviços públicos, apesar de as contas do governo já estarem em estado de fragilidade", afirma. Pelas estimativas da CNC, o PIB brasileiro vai encolher 5,7%, em 2020, mas o consumo das famílias deverá cair mais: 7,2%.

O especialista ainda demonstra preocupação com o número crescente de pessoas na informalidade. "Se a economia não começar a engrenar, vamos ver um grande número de pessoas migrando para o desalento em vez de procurar emprego. Com isso, a taxa de subutilizados e desalentados é que tende a crescer mais do que a de desemprego."

O economista Marcel Balassiano, do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV), reforça que o empobrecimento do brasileiro é inevitável, apesar de os dados mais recentes ainda não apontarem uma queda na massa salarial no curto prazo devido ao auxílio emergencial. Pelas contas do economista com base em projeções do Fundo Monetário Internacio-

nal (FMI), em 2020, "o PIB per capita deverá recuar para US\$ 13,6 mil, abaixo do pico de US\$ 15,6 mil de 2013". "Mesmo com o auxílio emergencial, há muitas pessoas que recebiam R\$ 1,5 mil e passaram a receber R\$ 600, ou seja, houve redução da renda na média. Além disso, mais de 10 milhões de pessoas tiveram redução de jornada e, conseqüentemente, de rendimentos. São dados que não podem ser ignorados. E, nesse novo contexto de juros baixos, é importante lembrar que dobrou o número de gente investindo na Bolsa de Valores, e muitos acabaram perdendo o capital investido, porque o mercado ainda está operando no negativo", destaca.

Para Balassiano, a população da classe média não vai consumir como antes, mesmo se não tiver queda na renda. "A pandemia produz uma reação da sociedade, quer o governo determine ou não o afastamento social. Muitos te-



mem o contágio e se afastam, ficando em casa, e isso está se refletindo em um aumento circunstancial na poupança, porque estão consumindo menos. Não há garantias de um retorno ao consumo normal com a abertura”, ex-

plica. Para ele, a única maneira de o consumo voltar daqui para frente será a vacina.

Luis Otávio de Souza Leal, economista-chefe do banco ABC Brasil, acredita que o impacto da crise no consumo da classe média vai depender de como o mercado de trabalho evoluir quando as medidas de sustentação do emprego acabarem. “O grande problema da queda dos serviços é reflexo, principalmente, do comportamento do consumidor, mais do que de queda da renda. A massa salarial não caiu forte em maio e quando se calcula o dado de junho, utilizando a taxa de desemprego, ela deve crescer”, destaca.

Papel político

O sociólogo Adalberto Cardoso, autor do livro *Classes médias e política no Brasil: 1922-2016*, recém-lançado pela FGV Editora, lembra que não há apenas uma única classe média, mas várias, e elas têm um papel importante na economia e na política, com papel predominante em movimentos de oposição aos governos ao longo da história. As classes médias são plurais e têm vários comportamentos de consumo. Os funcionários públicos, por exemplo, não tiveram redução de renda e não mudaram muito a capacidade de consumo, ao contrário dos profissionais liberais”, compara.

Para o especialista, no pós-pandemia, uma grande parcela das classes médias ainda deve sofrer as consequências dessa crise sem precedentes. “Haverá enxugamento dos empregos nas grandes empresas que são importantes empregadoras das classes médias. E as pequenas e médias empresas, que empregam mais integrantes da classe média baixa, estão que-

brando. E, ainda, não sabemos como é que o governo vai socorrer essas pessoas, que devem decair socialmente quando acabar o auxílio emergencial”, destaca.

Assim como o economista Fabio Bentes, da Confederação Nacional do Comércio, Adalberto Cardoso chama a atenção para o fato de que a população vai demandar mais do Estado e, por conta disso, não será possível ver uma recuperação rápida, em “V”, como o governo previa inicialmente. “O crescimento do país será baixo por muitos anos”, aposta. O sociólogo mostra, em seu livro, o papel decisivo da classe média na política do Brasil, inclusive, no processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. E como ela está mudando de opinião em relação ao governo atual, deixando de apoiar Jair Bolsonaro pelos equívocos que ele vem comentando à frente do Executivo. “As classes médias têm poder de intervenção muito grande, porque estão em lugares-chave das formações de opinião e de tomadas de decisão”, afirma.